



Criações utópicas de Margaret Atwood: *Oryx e Crake* e a ficção especulativa

Em **Os mal-estares da pós-modernidade em *Oryx e Crake* (2003) de Margaret Atwood**, dissertação de mestrado recém defendida por Antonio Marcos Fonseca de Farias, há uma análise do romance a partir da teoria pós-moderna. Antes de adentrar na pesquisa propriamente dita, faz-se relevante apresentar a autora e a obra ficcional selecionadas.

Margaret Atwood é uma escritora contemporânea canadense, que já explorou os mais variados gêneros, tais como romance, poesia, conto, ensaio,

além de crítica literária. Reconhecida internacionalmente, com obras bem aceitas pelo público e pela crítica, Atwood foi, inclusive, agraciada com prêmios literários, como o da Ordem do Canadá. Sua obra mais famosa é o romance **O conto de aia** (1985). Nota-se, portanto, desde a escolha da obra, que Farias foge do óbvio ao trazer como *corpus* de análise crítica um bem menos conhecido da autora, **Oryx e Crake** (2003). O romance escolhido, comumente classificado como ficção científica, ficção especulativa e/ou ficção distópica, é o

primeiro volume de uma trilogia, que inclui, na sequência, **O ano do Dilúvio** (2009) e o desfecho **MaddAdão** (2013). Farias foca apenas no primeiro romance, o que é uma decisão acertada para uma pesquisa de mestrado.

O romance retrata um mundo pós-industrial e pós-apocalíptico, resultado da má aplicação da ciência, enfatizando que as atividades humanas, incluindo as experiências com a natureza, são as responsáveis por provocar o caos e a destruição da civilização. Trata-se da especulação de um futuro próximo, ainda bastante familiar, mas ao mesmo tempo estranho para o leitor. Neste mundo melancólico, habitado por criaturas biologicamente modificadas e tomadas pelo vício, a civilização e a linguagem desapareceram quase completamente, sendo colocadas em xeque questões éticas e morais sobre o futuro da humanidade. Nesse contexto, Farias defende que uma análise dessa obra de Atwood deve levar em consideração os vários questionamentos presentes na narrativa, tais como: o consumismo exacerbado; o poder das grandes corporações; as experiências genéticas e suas consequências; e as ameaças das armas biológicas.

Enquanto a personagem Jimmy/Homem das Neves reconstitui suas lembranças na tentativa de descobrir as origens dessa catástrofe irreversível, sua mente é povoada pelas vozes de seus amigos da juventude, o enigmático Crake e a sedutora Oryx, personagens-chave por trás do Projeto Paradiso, o grande responsável pela modificação definitiva da Terra e a derrocada da espécie humana. Assim, a verdade está na descoberta dos mundos interiores das personagens. O pesquisador esclarece que, em sua escrita, a autora faz uso de algumas estratégias, dentre elas, a construção de uma narrativa fragmentada e

não linear; e a inserção de um protagonista cuja identidade é complexa. Referidos questionamentos e estratégias são muito próprios da pós-modernidade e da ficção especulativa - gênero literário que ele aborda na pesquisa.

Diante disso, o objetivo geral da dissertação, qual seja: analisar o romance **Oryx e Crake**, a fim de explorá-lo a partir de duas perspectivas, a dos estudos sobre pós-modernidade e a das teorias sobre ficção especulativa foi bastante assertivo. Para tanto, Farias desenvolveu a leitura e interpretação do romance, com enfoque na caracterização das personagens que apresentam identidades complexas; e na estrutura narrativa fragmentada. Elementos esses que colaboram com a apresentação de dois geradores dos ditos mal-estares da chamada pós-modernidade, a insatisfação e a sede de prazer; temas que Farias toma como norteadores da narrativa.

No que se refere à estrutura, a dissertação está dividida em apenas dois capítulos: "Capítulo primeiro: revisão teórica" e "Capítulo segundo: *Oryx e Crake* em perspectiva", o que demonstrou bastante rigor metodológico com a cisão convencional da estrutura que costumamos encontrar nas teses e dissertações: um capítulo puramente teórico e outro com a análise da obra em questão. Tal escolha surpreende, uma vez que esse tipo de estrutura divide o trabalho em duas partes muito distintas e cartesianas: teoria e prática (análise), o que é, no mínimo, curioso, tendo em vista a temática escolhida pelo autor, tratar justamente da pós-modernidade. Há, então, uma quebra de expectativa em relação ao formato e disposição da pesquisa, pois talvez o que se esperasse fosse algo que rompesse com essa estrutura mais engessada e trouxesse maior inovação em sua estrutura, mas isso não aconteceu.



Rayssa Duarte Marques Cabral

Rayssa é licenciada em Letras - Habilitação em Língua Inglesa e Respectivas Literaturas (UFMT), Especialista em Gêneros Textuais (UFMT), Mestra em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT), atualmente é doutoranda em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT).

rayssadmcabral@hotmail.com

No primeiro capítulo, Farias adentra em seu recorte temático, abordando a pós-modernidade e seus conceitos derivados, para tanto, traz como fundamentação teórica autores como David Harvey, Antoine Compagnon, Terry Eagleton, Jameson, Lyotard; após, aborda a questão dos mal-estares na modernidade e na pós-modernidade, com embasamento em **O mal-estar na civilização**, de Sigmund Freud e **O mal-estar da pós-modernidade**, de Zygmunt Bauman.

O Capítulo Primeiro, tem como enfoque a discussão sobre o suporte teórico que norteou a leitura do romance **Oryx e Crake**, envolvendo os conceitos de pós-modernidade, ficção especulativa, utopia, distopia, ustopia. Para desenvolver este capítulo lançou-se mão de textos dos teóricos Peter Barry (2002), David Harvey (2008), Hans Berthens (1995), Antoine Compagnon (1999), Terry Eagleton (1996), Fredric Jameson (2011), Sigmund Freud (2010), Zygmunt Bauman (1998), somado aos textos de Mabiana Camargo (2015), Marek Oziewicz (2017), Robert A. Heinlein (s/a), Roberto Causo (2003), Annie Neugebauer (2014), Cristhiano Motta Aguiar (2012), Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2019), Margaret Atwood (2011), Leomir Cardoso Hilário (2013), Marilena Chauí (2008), Bernadete Pasold (1999) e Pedro Fortunato de Oliveira Neto (2018).

Nesse primeiro capítulo, ele contextualiza os termos, esclarecendo que o “pós-modernismo” foi uma nomenclatura usada pela primeira vez em 1930, mas o sentido usado na atualidade é resultante da obra **A condição pós-moderna**, de Jean-François Lyotard, publicado em 1979. Para discutir o termo, Farias baseia-se no geógrafo David Harvey, em sua obra *Condição Pós-Moderna*, na qual apresenta um panorama a respeito da natureza da pós-modernidade, que, segundo Harvey, tem refletido nos padrões do debate, definindo o modo do discurso e estabelecendo parâmetros para a crítica cultural, política e intelectual. Para Harvey, o pós-modernismo emergiu como movimento maduro entre 1968 e 1979, ainda que previamente houvesse um movimento antimoderno no início dos anos 1960. O pós-moderno pode ser

definido a partir de algumas palavras-chave, tais como heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação e a desconfiança (em relação a todos os discursos então universais ou totalizantes). Tanto no modernismo quanto no pós-modernismo há fragmentação, a diferença entre elas consiste na atitude para com a fragmentação e a descontinuidade. Tanta incerteza e instabilidade culmina em um consequente mal-estar, por isso a escolha do pesquisador de dialogar o conceito com Freud e Bauman.

Na sequência, percebemos um foco maior na conceituação dos termos: utopia, distopia e ustopia. Enquanto a utopia apresenta um ideal de perfeição e harmonia de uma sociedade; a distopia faz o oposto, cria uma sociedade que não deu certo, com evidências nos focos negativos; já a ustopia - termo criado pela própria Atwood (2011 *apud* FARIAS, 2022, p. 35):

[...] é um mundo que criei combinando utopia e distopia – a sociedade perfeita imaginada e seu oposto – porque, a meu ver, cada uma contém uma versão latente da outra. Além de ser, quase sempre, um local mapeado, Ustopia é também um estado de espírito, como um lugar qualquer na literatura de qualquer tipo.

Ao abordar a ficção especulativa, termo criado por Robert A. Heinlein (OZIEWICZ, 2017 *apud* FARIAS), o pesquisador sustenta que se trata de um modo literário que, por sua natureza, é muito coerente com discussões sobre temas referentes à pós-modernidade, uma vez que “A ficção especulativa é uma expressão literária legítima, que, como outros gêneros literários, deve ser compreendida como solução do engenho humano na busca de um entendimento aberto e multifacetado da realidade” (CAUSO, 2003 *apud* FARIAS, 2022). Em razão disso, discorre a respeito dessa categorização para classificar **Oryx e Crake**, do romance como ficção especulativa/científica, tendo em vista que os conceitos de utopia, distopia, ustopia, são frequentemente associados a ela.

No segundo capítulo, Farias adentra na análise do romance em si, a luz do que apresentou no capítulo anterior. Neste, alguns pontos da revisão teórica são aprofundados e concomitantemente é construída a análise do romance. *A priori*, o pesquisador optou por apresentar um sumário dos eventos de **Oryx e Crake** para contextualizar a leitura e interpretação do romance. Depois, percorreu mais profundamente a respeito da categorização do romance como ficção especulativa, estabelecendo um diálogo com os conceitos de utopia, distopia e ustopia. Diante disso, foram construídas evidências bem argumentadas de que referidos aspectos sugerem que o romance é uma narrativa sobre a pós-modernidade. Por conseguinte, o pesquisador encaminhou a discussão para a insatisfação e a sede de prazer, temas norteadores de sua reflexão e que são considerados geradores dos mal-estares da pós-modernidade.

Diante do exposto, é fácil concluir que a escrita da dissertação se deu de forma bem didática e organizada, com dois capítulos bem estruturados, o que demonstra zelo e cuidado por parte do pesquisador, razão pela qual recomendo a leitura para todos os interessados na obra de Margaret Atwood ou nas temáticas que envolvem ficção científica, utopia e distopia e que tenham curiosidade em conhecer também termos menos explorados no espaço acadêmico: a ficção especulativa e a ustopia.

FARIAS, Antonio Marcos Fonseca de. **Os mal-estares da pós-modernidade em Orix e Crake (2003) de Margaret Atwood**. UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado em Letras). Guarapuava-PR, 2022. 92 p. Defesa: 19/04/2022.

